

Paulo Freire deixa como legado a utopia

JORGE SANGLARD
ESPECIAL

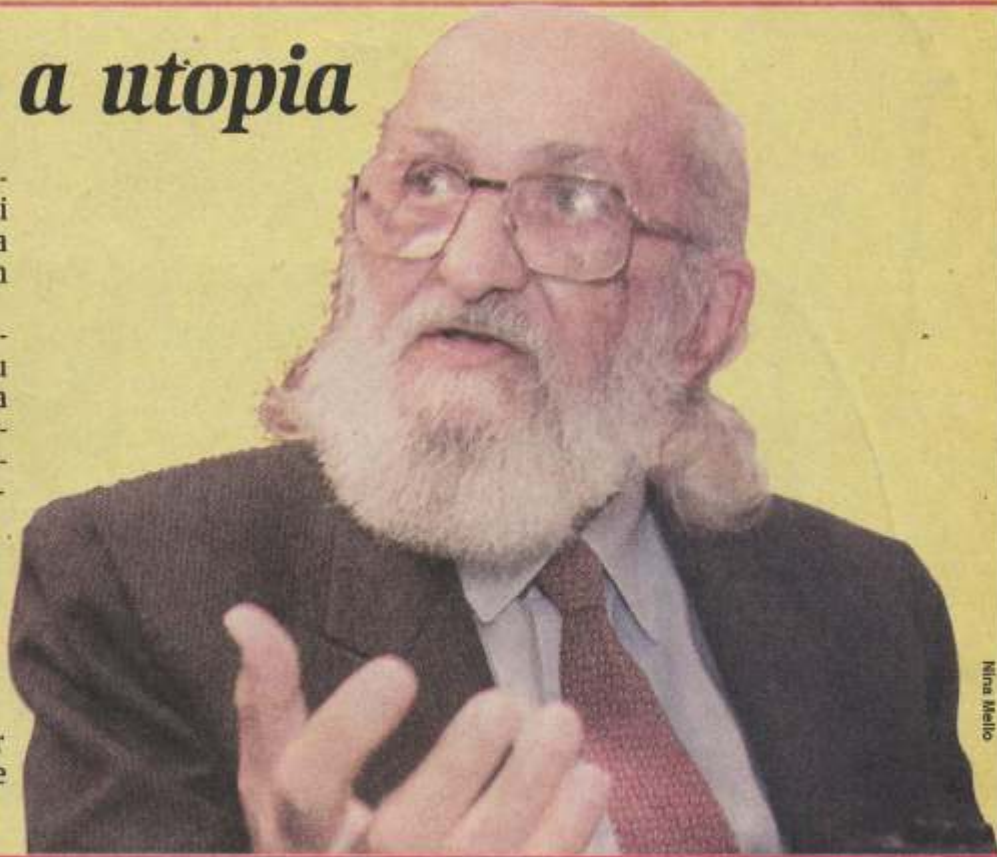
A luta de Paulo Freire (falecido há pouco mais de uma semana) em defesa dos oprimidos, pela alfabetização e conscientização conquistou reconhecimento nos mais diversos países. Cidadão do mundo, o educador impulsionou o conhecimento em seus livros e em sua prática libertária e abriu perspectivas para além de seu tempo. Em setembro do ano passado, para marcar os 75 anos do educador, o Instituto Paulo Freire promoveu o lançamento do livro *Paulo Freire — Uma Biobibliografia*, que está esgotado. Agora, com a morte do mestre da educação no Brasil, está sendo anunciada a reedição da obra.

O livro, traz relatos e quatro biografias de Paulo Freire. Coube a Heinz-Peter Gerhard escrever a visão européia, já o enfoque

latino-americano foi dado por Carlos Alberto Torres e a abordagem brasileira foi concebida por Moacir Gadotti, além da visão da esposa do educador, a também educadora Ana Maria de Araújo Freire.

A densidade desta biobibliografia, a importância do legado de Paulo Freire, seu engajamento em defesa da educação, da liberdade, da utopia, do sonho e da esperança transformaram o livro num documento essencial para se compreender a realidade contemporânea no Brasil e no mundo.

Paulo Freire alertou sempre para os perigos da domesticação envolvendo a relação pedagógica e defendeu de forma intransigente o processo educativo como instrumento de libertação. Afinal, o desafio do sonho democrático do educador foi construir uma ponte entre a reflexão e a prática pedagógica.



Caderno Dois

A esperança com autonomia

JOSÉ EUSTÁQUIO ROMÃO
ESPECIAL

Das últimas obras da obra de Paulo Freire, falecido há pouco mais de uma semana, queremos destacar a *Pedagogia da Esperança* e a *Pedagogia da Autonomia*. A primeira, conforme o próprio autor destaca no subtítulo, é "Um reencontro com a Pedagogia do oprimido", obra que o tornou mundialmente conhecido, tanto por sua consistência científica, quanto por sua generosidade política. Porém, mais do que uma atualização daquele texto fundamental, produzido em 1970, a *Pedagogia da Esperança*, no meu modo de ver, significou a conciliação definitiva de Paulo com a Razão Dialética e, mais do que isso, a superação dos próprios clássicos que tentaram interpretar a realidade sob esta perspectiva, na medida em que desconstruiu a ortodoxia dos dialéticos de plantão.

Especialmente em nosso país, os acólitos do Marxismo, salvo honrosas exceções, ao adotarem os conceitos de autoridade de seus prógonos, negam o primeiro princípio da Razão Dialética, tentando reduzi-la à "Ciência Marxista", que nada mais é do que uma tentativa de sucesso de aplicação do método a um campo específico da realidade, em um momento histórico específico. Ou, às vezes, o que é pior, consideram uma das versões do Marxismo como a própria tradução da tradição dialética. Certamente, é por causa deste equívoco, que se fortaleceu a versão conservadora da "morte do Marxismo", após a queda dos regimes dos países do "Socialismo Real".

Nesta obra, Paulo recupera a verdadeira dimensão dialética da realidade e do pensamento libertário, ao mesmo tempo que constrói diferença essencial entre "esperança" e "espera", atribuindo à primeira a essencialidade do engajamento na ação, como forma de escapar da segunda, que se fundamenta na expectativa inerte.

Paulo escreveu: "Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas, prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, é pura cientificidade, é frívola ilusão. Prescindir da esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da luta é negar um de seus suportes fundamentais. (...) Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã. (*Pedagogia da Esperança*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992).

Já na *Pedagogia da Autonomia*, retomando temas que desenvolvera antes, como a necessidade da leitura da realidade antes da leitura da língua, a universal capacidade humana de ensinar e aprender, a relação dialética entre aprender e ensinar, teoria e prática etc., Paulo inicia uma rica reflexão sobre o "ciclo gnosiológico", encetado pela transição da "curiosidade ingênua" para a "curiosidade epistemológica", ou seja, a evolução do senso comum — "saber de pura experiência feito" — para a indagação metódico-crítica do mundo e dos saberes sobre ele (*Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997).



“ A ESPERANÇA DEVERÁ ESTAR CARREGADA DE ENGAJAMENTO PRÁTICO, PARA NÃO SE TORNAR DESAPERANÇA, E A AUTODETERMINAÇÃO DEVERÁ ESTAR PREENHE DE ABERTURA AO DIÁLOGO E AO COLETIVO, OU SE DESLIZARÁ PARA O INDIVIDUALISMO COLETIVO ”

dade epistemológica”, ou seja, a evolução do senso comum — “saber de pura experiência feito” — para a indagação metódico-crítica do mundo e dos saberes sobre ele (*Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997).

A autonomianão é por ele considerado como um estado, mas como um processo contínuo dessa evolução, ao mesmo tempo que o ser humano constrói, pela dialogicidade, pela comunicação constante do inteligido, pelo “movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. E a autonomia é paulatinamente conquistada também pela consciência da própria incerteza e da própria incompletude.

“Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou e serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo me incomoda e me enraivece. Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que minha passagem pelo mundo não é predestinada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na *problematização* do futuro e recuse sua inexorabilidade”.

Portanto, a luta pela autonomia é a luta contra a determinação, contra a imposição externa de meu próprio projeto de vida, apesar de ele só poder ser construído em diálogo, em comunhão com os outros e com o mundo.

Paulo Freire deixou o convívio dos vivos no momento em que mais falava sobre a finitude do indivíduo e sobre a transcendência do coletivo — chegou a ser reiterativo, quando de sua vinda a Juiz de Fora, no final do ano passado. Porém, como última mensagem queria, certamente, nos passar era a necessidade de alimentação da chama da esperança — “não por teimosia, mas por necessidade ontológica” — e a resistência a toda e qualquer forma de hetero-determinação. Insistia nas duas categorias pelas quais, e somente através das quais, o ser humano não perde sua humanidade: a utopia e a auto-afirmação.

Porém, a utopia, o sonho, a esperança deverá estar carregada de engajamento prático — para não se tornar desesperança — e a autodeterminação deverá estar prenhe de abertura ao diálogo e ao coletivo — ou deslizará para o individualismo, tão típico dos que defendem o fim das diferenças, o fim da luta de classes, o fim das ideologias e o fim da própria História. O que há de mais diabólico no Neoliberalismo, dizia Paulo, é sua tentativa de destruir a esperança e a identidade de sujeito do ser humano. E, por isso, mesmo nos abstraindo de seus outros malefícios (desemprego, exclusão, etc.), a intenção

de assassinar a esperança e autonomia é suficiente para torná-lo a mais inumana ideologia já concebida pelos opressores, devendo ser combatido com todas as nossas forças, com toda a nossa inteligência, com todo nosso compromisso.